

## OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

# 35 000 000 000€ para Rolls-Royces

Constatar que os 1% mundialmente mais ricos aumentaram a sua riqueza, que novas pessoas ultrapassam o limite de mil milhões de libras, dólares ou euros, é obsceno



**Carlos Pimenta**

1. Os países da União Europeia adiam mais uma vez a aplicação de uma taxa sobre as transações financeiras. A taxa é mínima, menor para as operações mais especulativas (0,1% e 0,01%, respectivamente), mas sucessivamente protelam a sua aplicação, cada vez com menos países aderentes. As justificações para o lançamento da taxa são, por vezes, contundentes - a responsabilidade do sector financeiro na actual crise e a "justiça" -, mas são mera propaganda para enganar eleitores e populações espezinhadas no dia-a-dia. Apesar das baixíssimas taxas aventadas, sobretudo para os 95% de actividade bolsista que nada têm a ver com a criação de rendimento, poderia render anualmente 35 mil milhões de euros, um quarto das dotações de pagamento do orçamento da UE para o presente ano.

2. Esta taxa sobre as operações financeiras, frequentemente designada de "taxa Tobin" por ser uma continuidade do que aquele laureado com o Prémio Nobel propôs para atenuar a especulação sobre as moedas, tem sido mais intensamente sugerida depois das crises financeiras localizadas de 1994 a 2001, que já faziam prever o que viria a acontecer pouco anos depois. Após 2008, o lançamento da referida taxa assume maior popularidade, com instituições internacionais a considerarem a necessidade de regulação das actividades privadas, com destaque para o sector financeiro, e com o reconhecimento da sua viabilidade, apesar da manutenção do dogma da total liberdade de circulação do capital à escala mundial.

O destino desse arrecadamento pode ser o financiamento institucional, como qualquer outro imposto, o apoio aos planos de austeridade, de que a banca é a principal responsável, ou ainda a

"promoção" do desenvolvimento das zonas mais desfavorecidas. Contudo, a importância de uma tal taxa ultrapassa tal âmbito: é uma forma de atenuar a volatilidade das cotações, começar a romper com o anonimato das operações financeiras e deixar um rastro burocrático sobre a sua execução.

3. As declarações sobre a eventual aplicação da taxa sobre as operações financeiras fazem parte, no entanto, do teatro da hipocrisia do sistema.

Ela faz sentido, é ética, económica e socialmente importante, mas não deve ser assumida num espaço geográfico limitado, exige um controlo político da actividade económica que impeça os bancos de transferirem para os consumidores e investidores o custo de uma tal taxa. Faz pouco sentido taxar a especulação e, concomitantemente, os Estados promoverem a concorrência fiscal, fomentarem a legalidade e a importância dos paraísos fiscais e judiciais, vulgo offshores, quando é sabido que essa é uma das vias de os poderosos não pagarem impostos, de a corrupção e o branqueamento de

capitais terem canais de escoamento, de o crime organizado e as elites especuladoras construírem o seu domínio comum.

Num período dramático como o que vivemos, constatar que os 1% mundialmente mais ricos aumentaram a sua riqueza, que novas pessoas ultrapassam o limite de mil milhões de libras, dólares ou euros, é obsceno. Não por serem ricos, mas por outros serem pobres por causa disso. Por quase não pagarem impostos. Por se apropriarem de muito e produzirem pouco. Pela subserviência política que criam.

4. A taxa Tobin foi, mais uma vez, adiada, mas a UE funciona. O agricultor que pretende vender no mercado local as couves que lhe sobejaram já é obrigado a emitir factura certificada e ter a informação contabilística em dia. Assim é que é: a lei é igual para todos.

*Escreve à sexta-feira*



**A Europa continua a incentivar a especulação financeira**

## SESSÕES CONTINUAS



**LAURO ANTÓNIO**

### *Os votos da mudança!*

Já se esperava. Aconteceu. Nunca fui apologeta do "quanto pior, melhor", mas neste caso talvez fosse necessário o pior para se poder esperar alguma melhoria. A chamada União Europeia estava mergulhada numa letárgica mediocridade de líderes e numa política suicida que só mesmo os cegos não viam (ou aqueles que, piores que cegos, não queriam ver). Perante um tal estado de coisas, a Europa respondeu. Estreitou drasticamente o centro e alargou as franjas até estas deixarem de o ser. Agora não são mais aqueles "pequenos partidos" à esquerda e à direita, que até são divertidos como imagens folclóricas. Agora são ameaças verdadeiras. Para a União Europeia, certamente, mas sobretudo para a Europa e a democracia. Uma ameaça ao bem-estar dessa trupe de políticos (na sua maioria) gananciosos, hipócritas, vendidos à finança internacional, que não souberam (e não quiseram) defender os valores de uma Europa livre, solidária e tendencialmente justa. Têm aqui o resultado dessa política autodestrutiva que não levava a lado nenhum senão a este. Por caminhos muito semelhantes, Hitler foi eleito. Nunca mais aprendem nada?

Em Portugal, o caso não foi tão gritante, nas aconteceu igualmente. A aliança PSD/CDS teve uma derrota histórica porque a sua política a isso levou (e quanto eleitor votou na lista engolindo sapos, por não haver nada mais à direita!). O PS teve a mais vergonhosa vitória da sua história, por falta de um líder e de uma política que inspirasse confiança (e quanto eleitor votou também nesta lista engolindo sapos, por não ter outra alternativa em consciência!). De resto, há outros elementos a ter em conta que não se podem ignorar. Cada vez há mais cidadãos a não votar (ou a votar brancos ou nulos), o que sublinha o agravar do descontentamento com estes políticos, este sistema, a prática desta democracia.

O que as eleições de 25 de Maio nos disseram é que é preciso mudar políticas, práticas e políticos. Quanto antes, enquanto é tempo. Na Europa que foi a votos e, no caso vertente, em Portugal. Mudança, exige-se! Havia um partido que tinha como lema essa palavra. Era bom começar por aí. Os portugueses querem alternativas creíveis. *Escreve à sexta-feira*